

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

CAROLINE BALHEJO SANERIPP

**RELAÇÕES ENTRE LINGUAGENS ARTÍSTICAS: AS ARTES VISUAIS E O
TEATRO NA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO.**

CRICIÚMA - SC

2014

CAROLINE BALHEJO SANERIPP

**RELAÇÕES ENTRE LINGUAGENS ARTÍSTICAS: AS ARTES VISUAIS E O
TEATRO NA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Feldhaus

CRICIÚMA - SC

2014

CAROLINE BALHEJO SANERIPP

**RELAÇÕES ENTRE LINGUAGENS ARTÍSTICAS: AS ARTES VISUAIS E O
TEATRO NA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de novembro de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestre em Educação - (UNESC) - Orientador

Prof. Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre em Educação - (UNESC)

Prof. Gislene Camargo - Especialista - (UNESC)

Dedico este trabalho àquele que sempre lembrou de mim, me fez crescer, mudou a minha história e fez o que ninguém podia imaginar: Eu te agradeço Deus, você acreditou e isso é tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma palavra que para mim está muito ligada ao termo gratidão. Ser grato não é apenas falar e sim demonstrar, por isso não quero simplesmente lançar palavras ao vento, e prometo que demonstrarei em cada gesto, a gratidão que tenho a essas pessoas que me ajudaram tanto, pois percebo que sozinha não alcançaria esta conquista.

Te agradeço Deus, que não me deixou desanimar, por me fazer chegar a um lugar que jamais imaginava que pudesse chegar. Por me amar e cuidar de mim, és tudo para mim, te amo mais que tudo!

Pai, eu lembro bem das vezes que dedicasses seus sábados a me levar a exposições e lugares para que eu pudesse escolher minha profissão. Obrigado Mãe, por ter sempre me incentivado e olhado os meus cadernos todos os dias depois que chegava da escola. Por antes de cada conselho de classe me passar o “sermão da montanha” e por decorar as minhas festas de aniversário com meus próprios desenhos.

Mana, obrigado por abrir mão de parte de sua adolescência, para me fazer companhia, por aguentar minhas bagunças em casa. Estás perdoada por ter quebrado os meus brinquedos.

Minha família significa muito para mim, no momento em que pensei que havia perdido tudo, percebi que eu tinha a maior riqueza, minha família. Vô, agradeço por ter colaborado com minha formação e vó por ter sempre dito que eu conseguiria, obrigada por se preocuparem! Um agradecimento especial às minhas primas: Junia pelos conselhos, Julia por me incentivar sempre e Janaína por me mostrar o caminho, obrigada por acreditarem em mim.

Agradeço aos amigos insubstituíveis, por quais também são responsáveis pela minha conquista: Elis, Mariah, Ray, Jéssica Américo, Jessica dos Santos, Melissa e Michelle.

E agora um muito Obrigado ao meu orientador e mestre, pela dedicação, compreensão e paciência, obrigada Marcelo, principalmente pelas palavras de ânimo.

Canto esquerdo (Hud, Angel, Laís, Márcia e Luan) vocês foram muito mais do que colegas, foram meu suporte, meu refúgio. Compartilhamos nossos medos e sempre tivemos dispostos a consolar um ao outro. Nunca permitíamos

chegar em um local e sentarmos separados, sentávamos perto um do outro nem que fosse no chão, pensando em não se desgrudar jamais. Mas ainda que isso aconteça, eu jamais esquecerei vocês que não me deixaram desistir. Obrigada pelos momentos inesquecíveis que passamos juntos, momentos felizes demais, guardarei para sempre no CANTO ESQUERDO do peito, amo vocês de verdade.

Enfim, obrigada a todos que marcaram de forma significativa a realização do meu sonho.

“O teatro é entrega, dedicação, humildade, amor, respeito, é magia, é energia, é a troca, é o jogo, é o outro, é o conjunto: é um todo.”

Carolina Henriques.

RESUMO

A presente pesquisa insere-se na linha de Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura e tem como objetivo: investigar as possíveis relações entre as artes visuais e o teatro enquanto linguagens artísticas que contribuem na formação estética e crítica de crianças do quarto ano do ensino fundamental de uma unidade escolar pertencente a rede municipal de ensino de Araranguá/SC. Como problematização traço reflexões sobre: é possível estabelecer relações entre o teatro e as artes visuais na perspectiva da formação estética e crítica de crianças do quarto ano do ensino fundamental? Para dialogar com o objeto de pesquisa apresento no referencial teórico reflexões sobre as diferentes conceituações a respeito das múltiplas linguagens da arte, em especial o teatro. Por minha formação ser em Artes Visuais, procuro estabelecer relações entre a linguagem visual e cênica propondo diferentes caminhos de diálogos entre as duas indo ao encontro da formação de um sujeito crítico. Esses pensamentos encontram aporte nos estudos e publicações de: Ferreira (2012), Santiago (2009), Japiassu (2011) dentre outros. De acordo com a composição do problema, classifico minha pesquisa como sendo de natureza básica e de cunho qualitativo. Os protagonistas desta pesquisa são os alunos do quarto ano da escola E.B.M. Nova Divinéia, onde a partir dos conceitos metodológicos de pesquisas em espaços de narrativas (Leite, 2008), desenvolvi oficinas de teatro relacionando-o com artes visuais. A partir da análise de dados pude perceber que os jogos teatrais não são contemplados na linguagem teatral e que o teatro é conhecido pelas crianças como encenação de textos dramatizados. As crianças conseguiram estabelecer relações entre o teatro e as artes visuais o que evidencia a necessidade de discutirmos os espaços e territórios da arte enquanto campo menos rígido, respeitando claro, as especificidades de cada linguagem. A fala, os gestos e as ações das crianças apontam para o exercício da autoria e da criticidade. A partir da experiência com a arte e suas diferentes formas de manifestação, as crianças participantes da pesquisa materializaram as inúmeras possibilidades expressivas de criação, experimentação, reflexão, contribuindo no desenvolvimento da autonomia.

Palavras-chave: Relações entre linguagens. Teatro. Artes Visuais. Ensino da Arte. Criticidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cena do filme 'Crepúsculo'	20
Figura 2 - Brueghel, Pieter - Brincadeiras de crianças (1560).	21
Figura 3 - Botero, Fenando – A bailarina.	22
Figura 4 - EBM Nova Divinéia.	30
Figura 5 - Minios, do filme “Meu Malvado Favorito” (2010) de Chris Renaud.	32
Figura 6 - Jogo: Caretas no espelho.	34
Figura 7 - Jogo: Espelhado.	35
Figura 8 - Roda de conversa.	36
Figura 9 - Jogo: Frases para um amigo.	37
Figura 10 - Jogo: Escultura Humana.	38
Figura 11 - Jogo da bola.	39
Figura 12 - Representando brincadeiras.	41
Figura 13 - Lasar Segall - Interior de pobres II (1920).	42
Figura 14 - Apresentação grupo 1.	43
Figura 15 - Apresentação grupo 2.	44
Figura 16 - Apresentação do vídeo.	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

SC – Santa Catarina

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 POR TRÁS DAS CORTINAS: PREPARANDO-SE PARA ENTRAR EM CENA...	12
2 ENTRANDO EM CENA: O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	14
3 FALANDO SOBRE LINGUAGEM, ARTE, ENSINO E FORMAÇÃO ESTÉTICA..	17
3.1 AS LINGUAGENS DA ARTE.....	17
3.2 POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGENS ARTÍSTICAS: O TEATRO E AS ARTES VISUAIS	18
4 UM OLHAR PARA A LINGUAGEM TEATRAL NA ESCOLA A PARTIR DE SUAS RELAÇÕES COM A CONSTRUÇÃO DE CRITICIDADE E AUTORIA	23
4.1 OS JOGOS TEATRAIS	24
4.2 A IMAGINAÇÃO, A FANTASIA E O FAZ DE CONTA.....	25
4.3 A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO E REFLEXIVO	27
5 O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DA E.B.M NOVA DIVINÉIA SOBRE ARTES VISUAIS, TEATRO E SUA RELAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE	29
5.1 PRIMEIRO MOMENTO – CRIANÇAS E BRINCADEIRAS, UMA COMBINAÇÃO PERFEITA.....	31
5.2 SEGUNDO ENCONTRO – AS IMAGENS CONTAM HISTÓRIAS.....	39
5.3 TERCEIRO MOMENTO – O REAL É O PANO DE FUNDO	45
5.4 PROPOSTA DE CURSO.....	49
5.4.1 Tema	49
5.4.2 Público-alvo	49
5.4.3 Justificativa.....	49
5.4.4 Ementário do curso.....	50
5.4.5 Carga horária	50
5.4.6 Objetivos	50
5.4.6.1 Objetivo geral	50
5.4.6.2 Objetivos Específicos	50
5.4.7 Metodologia	51
5.4.8 Referências	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: É HORA DE FECHAR AS CORTINAS	52
REFERÊNCIAS.....	54

APÊNDICE (S)	56
APÊNDICE A	56
ANEXO (S)	61
ANEXO A	61
ANEXO B	62

1 POR TRÁS DAS CORTINAS: PREPARANDO-SE PARA ENTRAR EM CENA

Fui uma criança extremamente tímida. Falava somente com meus pais, e alguns primos. Quando outras pessoas chegavam à minha casa eu me escondia atrás da cortina da sala e só saía de lá quando fossem embora.

Na escola era muito difícil conseguir me comunicar com alguém. Minha formação artística dentro da escola foi precária, tão irrelevante que não me lembro de quase nada do que fiz nas aulas de Educação Artística até o Ensino Médio. Lembro-me que íamos para a sala de artes que até era bem equipada e bonita, toda grafitada em seu interior. Não me recordo de ter visto, nem de passagem, o teatro nessa disciplina, durante todo o período em que estive na escola.

Minha relação com o teatro surge a partir de uma aula da disciplina de Ciências, no 7º ano, a professora solicitou que fizéssemos uma peça que falasse sobre drogas. Nos ensaios comecei a me comunicar com colegas que eu nunca havia conversado. Eu nunca falava em público, fiz o teatro e mudei completamente, comecei a me relacionar com as pessoas. Mas infelizmente foi a única vez que apresentamos um teatro na escola.

Em 2012, no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC pude experimentar e vivenciar novamente o teatro, só que agora de forma mais científica, na disciplina de linguagem teatral. No dia em que eu e minha turma fomos apresentar nossa peça teatral no auditório da UNESC fiz uma viagem à minha infância, pois eu estava ali pensando que era o momento de sair de trás da cortina, rodeada de muitas pessoas que estavam totalmente nervosas, mas era totalmente diferente, pois eu estava tranquila, as cortinas do teatro não são como as da minha casa e não tenho medo algum em abri-las.

Meses depois levei tudo que aprendi nas aulas de linguagem teatral para a escola em que trabalho, foi uma experiência significativa, pois pude perceber os alunos interessados e tornando-se mais comunicativos criando vínculos de solidariedade e construindo um corpo expressivo. Pretendo entrar nesta pesquisa pelo caminho da experiência, pesquisando a contribuição do teatro no desenvolvimento crítico e sensível da criança relacionando-o as artes visuais. Assim sendo proponho como problema de pesquisa o seguinte questionamento: é possível estabelecer relações entre o teatro e as artes visuais na perspectiva da formação estética e crítica de crianças do quarto ano do ensino fundamental?

Levanto ainda mais alguns questionamentos a respeito da linguagem teatral nas aulas de artes: Qual o conceito de linguagem artística? Existem relações entre artes visuais e teatro? De que forma os professores do ensino fundamental I estão trabalhando a linguagem teatral nas aulas de artes? O teatro propicia a intenção e o desenvolvimento do senso crítico?

Para investigar estas proposições proponho a seguinte estruturação de capítulos:

Esta pesquisa estrutura-se em seis capítulos. Inicialmente proponho a introdução denominada **Por trás das cortinas: preparando-se para entrar em cena**¹, onde localiza-se o ponto de partida deste trabalho. Em seguida trago a metodologia sob o título: **Entrando em cena: o desenho metodológico da pesquisa**, na qual abordo a metodologia do meu trabalho de pesquisa.

No terceiro capítulo: **Falando sobre linguagem, arte, ensino e formação estética**, proponho uma discussão sobre as linguagens da arte, e suas relações. No capítulo quatro: **Um olhar para a linguagem teatral na escola a partir de suas relações com a construção dos conceitos de criticidade e autoria**, discorro sobre os jogos teatrais, a imaginação, a fantasia e o faz de conta, a arte e suas contribuições na construção de um sujeito crítico e reflexivo.

No quinto capítulo: **O que dizem as crianças da E.B.M Nova Divinéia sobre artes visuais, teatro e sua relações com o desenvolvimento da criticidade** apresento a análise dos dados coletados em espaços de narrativas feita com as crianças por meio de uma oficina de teatro. Trago minha proposta de curso, também neste capítulo que surgiu a partir da análise da pesquisa. O último capítulo, o sexto, abordo às considerações finais, no qual falo sobre as vivências que me levaram a alguns resultados e conclusões dessa pesquisa.

¹ As expressões em negrito referem-se aos títulos dos capítulos.

2 ENTRANDO EM CENA: O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Segundo Andrade (2005, p. 121) “pesquisa é um conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos.” Sabendo que a pesquisa parte de um problema, proponho como questão central investigar: é possível estabelecer relações entre o teatro e as artes visuais na perspectiva da formação estética e crítica de crianças do quarto ano do ensino fundamental?

“Pesquisa sobre arte é aquela que é feita por pesquisadores, tendo como produto final um texto, que se assemelha muito, metodologicamente, a outras pesquisas na área de ciências humanas e sociais.” (LEITE, 2011, p.30). A pesquisa tem por objetivo geral investigar as possíveis relações entre as artes visuais e o teatro enquanto linguagens artísticas que contribuem na formação estética e crítica de crianças do quarto ano do ensino fundamental. Define como objetivos específicos: pesquisar qual o conceito de linguagem artística presente no repertório dos alunos; reconhecer as relações entre o teatro e as artes visuais; analisar como os alunos do ensino fundamental da rede municipal de Araranguá interagem com propostas que envolvem a linguagem do teatro e as artes visuais; refletir como o teatro propicia a interação e o desenvolvimento do senso crítico; realizar pesquisa de campo por meio de oficina de teatro em espaços de narrativas contrapondo com o referencial teórico estudado; propor curso de extensão atendendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Arte.

No que refere-se as questões norteadoras, proponho o desdobramento do problema: qual o conceito de linguagem artística? existem relações entre artes visuais e teatro? de que forma os professores do ensino fundamental I estão trabalhando a linguagem teatral nas aulas de artes? o teatro propicia a intenção e o desenvolvimento do senso crítico?

A partir dessas questões, minha pesquisa está inserida na linha Educação e Arte do Curso de Artes visuais Licenciatura². Quanto à forma de abordagem do problema esta pesquisa é qualitativa de natureza básica, onde o como é mais

² Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, cultura e suas relações com a arte e a educação NORMAS. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010, p. 02

importante que o quanto, pois de acordo com Ramos (2003, p. 25), na pesquisa qualitativa “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que não pode ser traduzida em números.”

Quanto aos objetivos, trata-se de uma produção descritiva, que segundo Andrade (2005, p.124) “uma das características da pesquisa descritiva é a técnica padronizada da coleta de dados, realizada principalmente através de questionários e da observação sistemática.” O autor destaca que:

Neste tipo de pesquisa os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isto significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador. (2005, p. 124)

Uma pesquisa de campo visa a investigação e observação da realidade quanto ao tema escolhido. Dessa forma utilizei como instrumento de coleta de dados, os espaços de narrativa. Esta pesquisa visa à investigação de uma perspectiva do ensino da arte na rede de ensino do Município de Araranguá, com alunos do ensino fundamental I, especificamente o 4º ano da E. B. M. Nova Divinéia tem com foco especial o ensino da linguagem do Teatral e suas relações com Artes Visuais na perspectiva da construção de um sujeito crítico.

A coleta de dados foi realizada por meio de oficinas (APÊNDICE A) de teatro em espaços de narrativa, pois “promover espaços onde possa emergir a enunciação com significado para o sujeito é valorizar a história de cada um e também acreditar nas linguagens como formadores de identidade”. (HONORATO, 2011, p.117). Os espaços de narrativa permitem que os participantes falem de maneira espontânea, é um momento de troca, é uma forma melhor para falar e ouvir.

Espaços de narrativas são estratégias onde os sujeitos, nesse caso as crianças, constroem-se não como objetos de estudo, mas sim como co-participantes destes estudos, portanto é preciso centrar-se no querer da criança assim também em sua autorização para uso de suas falas e produções. (LEITE, 2008)

Nesse sentido, realizei 03 encontros com o grupo participante para estabelecermos relações e experiências significativas. Outro fator que levei em conta foi a forma como me apresentei às crianças, como uma aluna em formação. De acordo com Leite nos identificarmos como alunos pode nos aproximar das crianças-

alunas, construindo junto a elas um espaço de cumplicidade e troca. Por isso a importância do registro para podermos observar nossa postura diante das crianças.

Falando em postura, a linguagem corporal em pesquisas com espaços de narrativas também merece atenção pois devemos levar em conta a desproporção física entre adulto e criança objetivando um olhar e uma escuta atenta para percebermos não apenas o dito, mas o não dito.

Outro ponto a levar-se em consideração é a linguagem:

Nos espaços de narrativa propostos em nossas pesquisas com criança do ensino fundamental, a linguagem ocupa lugar central – seja ela verbal, corporal, gráfica, teatral etc. Favorecer um espaço de narrativa é compreender o papel do outro na construção de significados; é entender linguagem como via de mão dupla, quer dizer, ela tanto forma como comunica os inúmeros sentimentos e habilidades objetivados (LEITE, 2011 p. 129)

Ainda pensando na linguagem, os espaços de narrativa visam o desenvolvimento da imaginação, pois entendemos que as crianças ao se expressarem retratam não só o que é vivido por elas e pelos outros mas retratam ainda seu imaginário que é o que estimula seu modo de pensar. (LEITE, 2008)

Dessa forma os espaços de narrativa são espaços de troca e produção de conhecimento abordando brincadeiras e diferentes formas expressivas.

Além dos espaços de narrativa realizarei entrevista com a professora de Arte³ da turma envolvida no sentido de ampliar os subsídios de análise. Segundo Minayo (1996, p. 109):

O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.

Esta pesquisa também realiza revisão bibliográfica, pois segundo Andrade (2005, p.126) [...] todo trabalho científico pressupõe uma pesquisa bibliográfica preliminar, buscando referências e embasamentos teóricos para um melhor desenvolvimento e escrita da pesquisa.

Neste sentido no próximo capítulo proponho uma discussão sobre as linguagens da arte, e suas relações.

³ Arte - referente a disciplina curricular.

3 FALANDO SOBRE LINGUAGEM, ARTE, ENSINO E FORMAÇÃO ESTÉTICA

Linguagem é um conjunto (sistema) de signos, que organizado mediante regras, visa comunicar significados. Verifica-se seu uso como termo emprestando da linguagem verbal (ou das línguas naturais) por outros sistemas como, por exemplo, o das imagens visuais ou do que conhecemos por linguagens artísticas (OLIVEIRA, 2008, p. 77).

Uma das principais características de uma linguagem é a sua capacidade de falar de si mesma. Falamos e escrevemos sobre a linguagem visual por meio da linguagem verbal, pois interpretamos aquilo que vemos. Ela pode ser uso da escrita ou da fala como meio de comunicação, assim também como a linguagem não-verbal que é o uso de imagens, figuras, desenhos, símbolos, dança, postura corporal, pintura, música, mímica, escultura e gestos como meio de comunicação.

É por meio da linguagem que nos comunicamos uns com os outros, expomos pensamentos e sentimentos por meio de palavras e imagens. As pessoas compreendem o mundo por meio da linguagem, mas não apenas na identificação de códigos, e sim, em um contexto determinado pela situação, nas relações entre sujeitos e pelo meio em que vivemos. As linguagens são formadoras de identidade, pois é a maneira como interagimos, trocamos experiências e nos inserimos na sociedade que vivemos.

3.1 AS LINGUAGENS DA ARTE

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte propõem o ensino na arte abrangendo quatro grandes linguagens específicas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (BRASIL, 2000).

As pessoas em geral ainda desconhecem as linguagens artísticas e suas especificidades, é comum encontrarmos muitas pessoas, até mesmo dentro das escolas, que pensam que a aula de Artes é algo sem muita importância, distante do conhecimento, com funções decorativas e unicamente relacionadas à prática do desenho.

Percebo a importância das múltiplas linguagens da arte como principais mobilizadoras de experiência do sujeito. Nesse raciocínio o ensino da arte passa a ser um meio de “musicalizar a vida, poetizar a vida, sentir o cheiro da vida, saborear a vida, cantar e dançar a vida, ver a beleza da vida, tornar a vida bela.” (GARCIA,

2000, p. 12).

As múltiplas linguagens devem estar inseridas nas aulas de Artes como áreas de conhecimento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de arte apontam que: “é desejável que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte; entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada.” (BRASIL, 2000, p. 55). Por isso, o professor deverá inserir em seu planejamento atividades que farão o aluno conhecer, relacionar e vivenciar estas diferentes linguagens dentro da disciplina de arte contribuindo para sua formação e transformação estética.

De acordo com o documento as “artes visuais, música, teatro e dança, no conjunto, procuram promover a formação artística e estética do aprendiz e a sua participação na sociedade.” (BRASIL, 2000, p. 55).

O ensino da arte não é apenas para conhecimento escolar, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte (1998, p. 36):

A aprendizagem artística envolve [...] um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, que geram diferentes significações, exercitando no aluno a possibilidade de perceber-se como agente de transformações.

A arte tem potencial formador e transformador, sensibiliza, possibilita e desperta o olhar estético, desenvolvendo a imaginação de cada um tornando-nos seres sensíveis.

3.2 POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGENS ARTÍSTICAS: O TEATRO E AS ARTES VISUAIS

De acordo com os PCN de arte:

No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade (BRASIL, 2000, p. 53).

O objetivo dessa produção abraça o espaço que a linguagem teatral ocupa dentro do ensino de arte enquanto linguagem artística relacionado-a as artes

visuais. Digo isso pois minha formação envolve as artes visuais e não defendo a proposição de um ensino polivalente, no entanto conforme consta na LDB n. 9.394/96 artigo 26:

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

É fundamental que o aluno tenha experiências significativas com as diferentes linguagens no sentido de contribuir para seu desenvolvimento cultural. Além disso, na contemporaneidade da arte as relações entre linguagens nas produções artísticas estão mais próximas, efêmeras, híbridas. As instalações por exemplo podem incluir diversas linguagens como vídeos, música, esculturas entre outras, são obras em que o espectador percebe latente as relações entre as linguagens a partir de seus códigos específicos. Outro exemplo é a performance que une dança, música e dramatização.

Dessa forma não basta apenas saber que o teatro é uma linguagem que faz parte da disciplina de artes, mas sim reconhecer as suas especificidades e as possíveis relações com as demais linguagens, nesse caso as artes visuais. A linguagem teatral não deve ser usada apenas como uma ferramenta ou um meio que o professor utiliza para trabalhar diversos conteúdos do currículo escolar.

A partir da conversa com alguns professores de arte percebo que a linguagem teatral têm sido uma prática trabalhada e compreendida de uma forma equivocada pelos professores de artes, quando utilizam o teatro focando apenas na produção final, entregando textos para que os alunos decorem e apresentem, sem antes ter um conhecimento sobre o assunto e nem preparação para isto.

Se minha formação será em artes visuais, devo estabelecer relações entre uma linguagem e outra, abrangendo as diversas linguagens proporcionando diferentes experiências estéticas aos alunos. A grande questão é: quais relações atribuir entre artes visuais e o teatro? Garcia (2000, p. 97) diz que “a linguagem teatral é perpassada pela música, pelo som, pela palavra, pelas artes plásticas, pela dança etc.” No teatro as linguagens da arte se relacionam entre si.

No teatro existem muitos elementos da linguagem música, dança e especialmente da linguagem visual que está presente nas cenas que se

transformam em uma composição visual, através dos desenhos dos figurinos, da maquiagem, do cenário que se remete a linhas, cores, planos, formas e texturas.

Quando olhamos para uma imagem, e seguimos os diversos detalhes, as linhas, as cores, as formas desdobrando-se em semelhanças ou contrastes, e notamos os ritmos de cada parte interligando-se com os grandes ritmos da composição, e percebemos em tudo uma coerência e íntima razão de ser – vivemos uma experiência estética. Uma experiência artística. Ela não se dá no âmbito da sensibilidade. Além do profundo prazer, ela nos transmite um sentimento de expansão de vida, ao mesmo tempo desencadeia em nós a compreensão de certas verdades, sobre o mundo e sobre nós (OSTROWER, 1995 p. 217).

Escolho para esta pesquisa quatro imagens, uma de uma cena de filme para falar de cores e três pinturas para nas oficinas refletirmos sobre elas na relação entre linguagens para uma posterior representação cênica.

A própria iluminação nos espaços cênicos causam sensações, por meio das cores quentes e cores frias, onde podemos ver como exemplo na imagens da cena do filme 'Crepúsculo'. As cores frias e imagem escura causam a sensação de frio.

Figura 1 - Cena do filme 'Crepúsculo'.



Fonte: Disponível em: <<http://www.cineclick.com.br/crepusculo>>.

É importante que a imagem utilizada nos jogos teatrais também faça relação com as vivências do sujeito como por exemplo a imagem da obra de Brueghel, destacada a seguir, que retrata vários tipos de brincadeiras.

Figura 2 - Brueghel, Pieter - Brincadeiras de crianças (1560).



Fonte: Disponível em: <www.portaldoprofessor.com.br>.

Mas falando em relações entre artes visuais e linguagem teatral que relações podemos estabelecer entre estas linguagens a partir desta imagem?

Enquanto a criança brinca ela representa, o jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, de alguma forma o lúdico se faz presente, a representação e a dramatização. Observamos que quando existe representação de uma determinada situação a imaginação é desafiada pela busca de solução para problemas criados pela vivência. Nas atividades escolares, brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, brincando a criança torna-se operativa.

As imagens são uma das possibilidades de estabelecermos relações. Por meio delas podemos identificar movimento, ritmo, equilíbrio, formas, além de nos afetarmos, sentir, viver experiências. Outro exemplo é a obra de Fernando Botero, conforme destaca a figura 03.

Figura 3 - Botero, Fernando – A bailarina.



Fonte: Disponível em: <<http://www.wikiart.org/en/fernando-botero>>.

Procurei uma imagem que pudesse causar um estranhamento às crianças, a partir desta imagem podemos falar da importância do corpo e sua expressão na linguagem teatral. Os movimentos e a ação e do corpo também são meios de comunicação (FERREIRA, 2012). Podemos expressar emoções com os movimentos do corpo que tem uma importância tão grande quanto a voz e a expressão facial, para que os espectadores possam entender a emoção que o personagem deseja interpretar, esses sentimentos podem ser traduzidos e comunicados a partir da expressão corporal.

4 UM OLHAR PARA A LINGUAGEM TEATRAL NA ESCOLA A PARTIR DE SUAS RELAÇÕES COM A CONSTRUÇÃO DE CRITICIDADE E AUTORIA.

Para falar de teatro trago algumas falas de diferentes autores em relação às definições do teatro na arte, segundo Peixoto:

Desde cedo o homem sente a necessidade do jogo, e no espírito lúdico aparece a incontida ânsia de “ser outro”, disfarçar-se e representar-se a si mesmo ou aos próprios deuses ou assumir o papel dos animais que procuravam caçar para sua sobrevivência, as vezes inclusive fazendo o uso de máscaras; e ainda, ao que tudo indica, o jogo teatral, a noção de representação, nasce essencialmente vinculada ao ritual mágico e religioso primitivo (PEIXOTO, 1980, p. 14).

Assim como as artes visuais, o teatro também faz parte da vida do homem, desde cedo sente-se a necessidade da representação e de expressar-se.

Japiassu (2001, p. 28) destaca que o teatro é um “importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e lingüísticos em sua especialidade estética.” Percebe-se então o teatro enquanto uma linguagem que interage com o corpo, que comunica, reflete e expressa.

O teatro como linguagem nos leva a um mundo de imaginação. Ao chegar à escola a criança já tem a espontaneidade de dramatizar, imaginar, experimentar, chorar, rir, gritar já expressa suas emoções. O teatro possibilita o desenvolvimento através da forma mais tranquila que relaciona seu cotidiano. O Teatro educa, se entendemos por educação de formas e meios de apoio para o desenvolvimento do ser humano em direção a vida autônoma e conseqüente, para a sociedade de que seja membro (LOPES, 1989, p. 22).

Considero que todas as linguagens transformam, sensibilizam, mas o teatro contempla um plano coletivo estabelecendo relações colaborativas, onde segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O teatro no ensino fundamental proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança sob vários aspectos. No plano individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. No plano do coletivo, o teatro oferece, por ser atividade grupal, o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção (BRASIL, 2000, p. 84).

O teatro na educação deve estar presente na vida dos alunos desde os primeiros anos de sua formação escolar, pois desde a infância a criança já sente a

necessidade de se expressar e nesta idade, já cheia de imaginação gosta de brincar do 'faz de conta' representando tudo que vive e percebe, quando brinca de casinha por exemplo representa o que percebe em sua casa. Por meio do teatro podemos viajar pelo mundo todo, imaginar, criar e expressar.

O teatro deve criar e recriar, dar vida ao imaginário, reviver a fantasia tendo o sujeito como produtor, não na intenção de formar um artista cheio de técnicas, mas sim experimentar momentos, vivenciar experiências no teatro. O objetivo das aulas de teatro na escola não é a de criar atores profissionais, mas sim o de propiciar aos alunos um olhar para o ensino da arte, potencializando a criatividade e imaginação, criando espaço para aprendizagens e interações uns com os outros.

4.1 OS JOGOS TEATRAIS

Os jogos teatrais não são quaisquer jogos. Cada jogo é construído a partir de um foco específico, desenvolvido a partir de instruções que levam o jogador a desenvolver questões específicas da prática teatral.

Os jogos teatrais propõem que o teatro pode ser feito por qualquer pessoa que pode aprender a atuar e ter uma experiência criativa pelo teatro, afirmando que a linguagem teatral nas aulas de artes não se relacionam com talento⁴.

Percebe-se no jogo uma imitação da vida, uma cinética mimética, a enganar a própria vida. No jogo, ainda que se trate de um jogo de cartas, é o homem inteiro que joga, é a sua vida que ele vive. O jogo serve para o homem iludir a si mesmo, para dar ao espírito o movimento mesmo da vida e a mudança de sensações, o estado de pépetua alternância entre o temor e a esperança. Talvez essa gama de conclusões justifique a importância e as possibilidades de análises de jogos sob diversas óticas, bem como sua utilização com diversos fins em diversos espaços como, por exemplo, o da educação, e associados a outros componentes, entre eles, a arte teatral (FERREIRA, 2012, p. 43).

Um dos objetivos do teatro na escola é de proporcionar vivências e experiências teatrais aos alunos por meio dessa linguagem artística, para que eles

⁴ Conceito de talento: Aptidão natural, engenho, disposição, habilidade.

Díspnível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/talento>>. Acesso em: 11 de outubro de 2014 às 09 horas.

possam se reconhecer, produzir, refletir e lidar com as diferentes formas de comunicação e expressão.

Experimentar o teatro na prática não é organizar as crianças e fazê-las apenas decorar um texto para apresentarem-se ao público, pois esse método não proporciona um espaço de criação e nem de construção de conhecimentos teatrais e experimentação de elementos componentes do teatro. É necessária a produção autoral da criança para que ela possa se desenvolver sentir-se confiante e perceba que é capaz de criar e experimentar novidades.

Só a prática contínua de jogos teatrais, a abertura ao faz de conta, as dramatizações livres e orientadas e a improvisação poderão fazer com que as crianças caminhem para além dos modelos que já conhecem de programas televisivos e dos teatrinhos que já assistiram na escola (FERREIRA, 2012, p. 17).

Precisamos caminhar pelo caminho do lúdico para que as crianças não passem somente pelos modelos prontos e reproduções de cópias estabelecidas pelos adultos. Kant afirma que “por meio do jogo a criança aprende a coagir a si mesma, a se investir em uma atividade duradoura, a conhecer e desenvolver as forças de seu corpo.” (FERREIRA, 2012, p. 45).

Por meio dos jogos começamos a nos conhecer, a perceber nossas capacidades, aprender a respeitar e escutar o próprio corpo, a buscar caminhos pois há um processo de construção. É preciso desconstruir o conceito de cenografia e construir um espaço que revele a autonomia do grupo que não necessariamente tenha que imitar modelos antigos de encenação que estejam fora do seu alcance é preciso pensar no que estão aprendendo com isso.

4.2 A IMAGINAÇÃO, A FANTASIA E O FAZ DE CONTA

Através do lúdico, as crianças conseguem desenvolver sua criatividade. Ao brincar e imaginar fica mais fácil assimilar a realidade do cotidiano, e significar o pensamento da criança, desenvolvendo as relações afetivas e sociais. “Quando imaginamos algo sentimos como se isso fosse real e presente, de tal forma que nossa ‘codificação’ e nosso ‘acesso’ a imagens parecem estar ligados as nossas emoções.” (EGAN, 2007, p. 13). Despertar a imaginação capacita a percepção de ideias e faz com que a criança tenha a capacidade de criar, que é o que mais

desejamos para as aulas de artes assim também como fazer com que a criança se distancie do convencional e que desenvolva sua consciência crítica.

A imaginação não é o oposto do pensamento convencional, mas ela fornece um certo contexto ou uma dimensão mais ampla dentro da qual o pensamento convencional é controlado, e de onde pode ser transcendido. Imaginação não é o oposto de racionalidade, mas é o que pode dar vida, energia e rico significado ao pensamento racional (EGAN, 2007, p.16).

Exercitando a imaginação a criança tem mais facilidade para criar, dar vida e energia aos seus pensamentos e expressões, com múltiplos significados. A criança pode experimentar e descobrir como um espelho que trata o real, por isso incentivar o exercício de imaginar é fundamental para a aprendizagem. Por meio de brincadeiras, faz de conta e imaginação a criança inicia o relacionamento com o mundo e essa relação se estende à vida adulta.

“Na infância, a imaginação, a fantasia, o brinquedo não são atividades que podem e caracterizar apenas pelo prazer que proporcionam. Para a criança, o brinquedo a imaginação e a atividade criadora são para ela, efetivamente, construidoras de regras de convívio com a realidade.” (SOUZA, 1994, p. 148).

O faz de conta faz parte da vida da criança e percebemos isto quando ela mesmo ainda sem saber ler verbalmente, conta a história de um livro apenas imaginando o que as imagens contidas nele querem dizer. O faz de conta está totalmente ligado as suas expressões. A criança representa o que vive em suas brincadeiras, e tem a capacidade de encontrar objetos e inventar brincadeiras com muita facilidade, objetos podem ser o que elas desejarem, uma colher pode virar um avião, uma escova pode tornar-se um telefone.

Benjamin (1987) destaca que as crianças formam seu próprio mundo de coisas e ao inventar uma história a criança retira elementos de suas experiências reais vividas e constitui algo novo, então ela não faz uma mera repetição de coisas vistas, ela constrói, cria novas possibilidades de representações de acordo com suas necessidades e paixões, e isso é a base para a atividade criadora no sujeito (BENJAMIN apud SOUZA, 1994).

É importante que o professor busque juntamente com a criança uma construção entre fantasia e razão, que proporcione um espaço para vivências lúdicas para instigar o potencial da criação, da descoberta, e da curiosidade que leva ao desejo do saber.

4.3 A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO E REFLEXIVO

Ser um sujeito crítico não é apenas apontar os defeitos, as falhas, e estar sempre pronto para atacar e apontar o negativo. Nos PPP's – Projetos Políticos Pedagógicos das escolas que pude observar ao longo de minha trajetória acadêmica, percebo em todos a presença de uma escrita que caminha na direção de uma formação em que os alunos se tornem sujeitos críticos, no entanto dentro da sala de aula ainda vemos o medo da crítica, ou a compreensão de que ser crítico é ser contrário as decisões tomadas, e isso não é visto com bons olhos por boa parte das direções e professores uma vez que temos um pensamento equivocado em relação a palavra crítica.

O ensino de arte, em específico a linguagem teatral e as artes visuais, podem proporcionar um caminho para encontrarmos um espaço de criticidade. A criança por meio do teatro representa sua realidade. É possível apresentar um problema e por meio dos jogos teatrais, encenações e cenas de improviso construir novas possibilidades para o contexto representado. Unindo imaginação e fantasia a criança materializa como vê o meio em que está inserida, reproduzindo modelos com os quais convive. É justamente na observação atenta dessa reprodução em novos possíveis caminhos que essa criticidade se constrói.

Olga Reverbel (1997 apud SANTIAGO 2009, p. 83) teatróloga e autora de várias obras que tratam do teatro na educação, contribui nesse sentido:

[...] pretende atribuir ao teatro um papel na formação da personalidade e cultura das crianças e dos adolescentes. [...] Os objetivos não visam necessariamente, à formação de artistas mas à personalidade da criança e do adolescente, considerando sua atuação no meio social.

A linguagem teatral na escola não tem por objetivo formar artistas, atores profissionais, mas sim proporcionar experiências artísticas colaborando na formação cultural e crítica das crianças, assim Brecht também contribui quando fala sobre converter o personagem-sujeito a personagem-objeto de forças sociais, rompendo a barreira entre atores e espectadores e promovendo o protagonismo, a todos, diante das necessárias transformações sociais (BRECHT apud SANTIAGO, 2009). Essas mudanças ocorreram em si mesmo durante o processo de criação.

Nos espaços de narrativa como processo metodológico podemos ouvir o que a criança fala em relação ao que está representando, é neste momento que podemos então vê-la como um sujeito que tem a liberdade de socializar colocar sua opinião e até mesmo discordar de seu colega ou professor, mostrando sua maneira de ver pelas diferentes manifestações da linguagem, em especial pela oralidade e pelo gesto.

Fontana e Cruz (1997, p. 110) corroboram nesse sentido, “deixar de esperar das crianças a postura de apenas ouvinte valoriza sua ação e sua expressão. Possibilitar à criança situações em que ela possa agir e ouvi-la expressar suas elaborações passam a ser princípios básicos da atuação do professor.”

A criança precisa ser ouvida para que através de suas palavras e da problematização feita a partir delas, ocorra uma aprendizagem ativa e crítica.

Para Brecht (1967) imitação não é uma cópia mas na medida que me confronto com o original está se introduzindo uma ação crítica, pois meu olhar muda. Não se trata apenas de um teatro escolar, mas de experimentar, de introduzir nesse processo de jogo materiais de que vão mobilizar uma consciência e uma percepção. (BRECHT apud SANTIAGO, 2009).

Augusto Boal (1996), ao focar e analisar as possibilidades oferecidas pelo teatro à pessoa que atua, defende a importância de se experimentar essa posição cênica, salientando os efeitos pessoais e sociais, educativos ou terapêuticos, promovidos por essa atividade (BOAL apud SANTIAGO, 2009).

Por meio de jogos teatrais a criança fala através de palavras, olhos e corpo e nós enquanto professores devemos estar atentos e abrir este espaço a fim de ajudar a torná-los sujeitos que sabem o que pensam e que tem sua opinião própria.

5 O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DA E.B.M NOVA DIVINÉIA SOBRE ARTES VISUAIS, TEATRO E SUA RELAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE

Uma das formas mais produtivas de apreensão dos códigos e dos procedimentos, que estão envolvidos na linguagem teatral é experimentá-los na prática. Não há manuais escritos que ensinem a ser espectador e muito menos a fazer teatro (FERREIRA, 2012, p. 15).

Após interagir e refletir com os autores que sustentam o corpo teórico de minha pesquisa, apresento as falas, os gestos, os dizeres e as ações dos alunos e professora de Arte, envolvidos em minha pesquisa. Para a coleta dos dados propus, por meio de oficinas e espaços de narrativa, destacadas no capítulo 2 desse trabalho, que os alunos do quarto ano do Ensino Fundamental da E. B. M. Nova Divinéia de Araranguá pudessem perceber se é possível estabelecer relações entre o teatro e as artes visuais na perspectiva da formação estética e crítica de crianças do quarto ano do ensino fundamental.

A Escola Básica Municipal Nova Divinéia (figura 4) localiza-se em um bairro próximo ao centro de Araranguá. Os alunos, assim como a comunidade como um todo, tem pouco acesso a equipamentos e manifestações culturais, sendo a escola a principal instituição que congrega ações educativas e culturais para a comunidade. Ao total possui 530 alunos distribuídos no ensino fundamental I e II. A escola possui uma diretora, Selma Gioso, que é formada em artes e conta com duas professoras de artes, uma para séries iniciais e outra para séries finais. Conta ainda com pedagogas, professores de áreas específicas, secretária, auxiliares e grupo de apoio.

Figura 4 - EBM Nova Divinéia.



Fonte: Disponível em: <<http://e-b-m-nova-divineia.webnode.com>>. Acesso em: 21 de set. 2014 às 09h10min.

O campo foi organizado em três momentos, os quais chamo de oficinas, nas aulas de artes da professora Luiza. No primeiro encontro, após apresentação da pesquisadora e a entrega das autorizações já enviadas anteriormente, foram abordados jogos teatrais tendo com foco a consciência corporal, seguida de jogos teatrais, objetivando as relações presentes nas artes visuais e no teatro. O segundo encontro ocorreu na semana seguinte, e deu sequência nos jogos e conceitos iniciados no primeiro encontro, com ênfase em trabalhos de improvisação e utilização da voz. O terceiro encontro contemplou a devolutiva, a escuta das falas das crianças estabelecendo reflexões com o objeto de pesquisa. O roteiro detalhado dos encontros está localizado no apêndice A desta pesquisa.

Todos os momentos foram desenvolvidos a partir da apropriação da metodologia de espaços de narrativa, com troca de conhecimentos, realizando uma discussão e reflexão sobre as falas, olhares, gestos e dizeres, a fim de estimular a criticidade das crianças, viabilizando meu problema de pesquisa, procurando saber se é possível estabelecer relações entre o teatro e as artes visuais na perspectiva da formação estética e crítica das crianças envolvidas nestas oficinas.

Segundo Leite (2008, p. 138), os espaços de narrativa contribuem “para o repensar da pesquisa com crianças, e também, para ressignificar o próprio conceito de narrativa para além da oralidade e/ou da leitura e escritura. Não como um modelo a ser seguido, mas com experiência viva em diálogo com a teoria.”

Essa concepção contribuiu significativamente para a análise e escrita da pesquisa uma vez que percebi nas falas e nos gestos das crianças possibilidades expressivas do desenvolvimento da criticidade e da autonomia.

5.1 PRIMEIRO MOMENTO – CRIANÇAS E BRINCADEIRAS, UMA COMBINAÇÃO PERFEITA

Inicialmente visitei a Escola apresentando minha pesquisa. Antes da realização do primeiro encontro fui até a escola, estabeleci diálogo com a diretora da unidade e com a professora de Arte da turma no sentido de solicitar autorização e manifestar meu desejo de pesquisa. Em seguida fui conduzida para a sala de aula daquela turma, para comunicá-los e motivá-los a participarem de minha pesquisa, a partir da realização dos encontros. Falei com o grupo que faríamos oficinas de teatro relacionando-o com as artes visuais. Todos vibraram dizendo que adoram teatro, ficaram curiosos e perguntaram se faríamos uma apresentação de teatro para a escola.

Esse formato de experiência raríssimas vezes compreende a dimensão lúdica, ou seja, a possibilidade de experimentar o teatro como jogo com o outro e com o espaço de criação. Quase sempre nesse modelo as crianças devem obedecer a comandos preestabelecidos, a histórias preexistentes, às marcações às entradas e saídas de cenas ensaiadas pelo professor, que se torna uma espécie de “diretor de teatro nos mildes antigos”, quando o diretor era o criador absoluto do espetáculo e os atores quase marionetes sem poder de decisão ou criação dentro do todo que é o espetáculo (FERREIRA, 2012, p. 16).

Disse a eles que antes faríamos algumas brincadeiras e jogos de forma imaginativa e lúdica para depois conversarmos sobre isso, enquanto manifestações que serviram de corpo para a análise da pesquisa.

De acordo com Santiago (2009, p. 74):

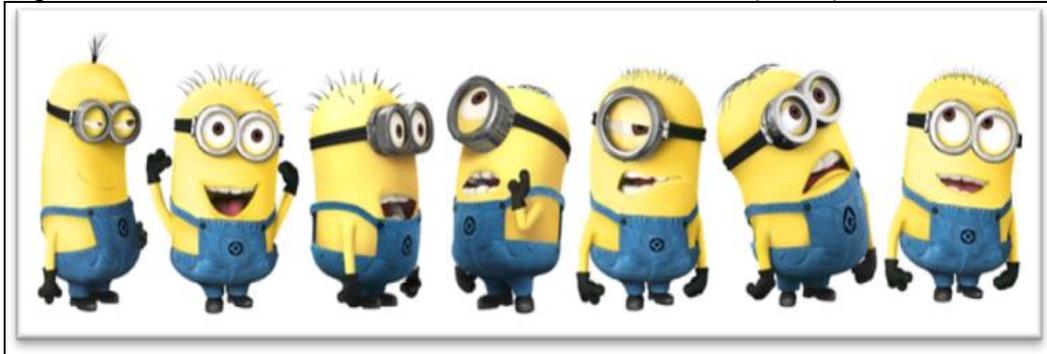
Percebe-se a prática do teatro na educação escolar objetivando o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos alunos por meio do

domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral na perspectiva de improvisação ou ludicidade.

Iniciei as oficinas no dia 10 de setembro de 2014, no período matutino das 09h20 às 10h50. Os sujeitos dessa pesquisa são os alunos do 4º ano da turma A, sendo eles 9 meninas e 3 meninos. Destes 6 entregaram a autorização para uso de falas e imagens, são eles: Nicole, Pâmela, Ingrid, Tais, José Fernando e Mateus, juntamente com o auxílio da professora Luiza.

Fui até a sala de aula convidá-los para irmos para o auditório, pois lá havia mais espaço para fazermos nossas atividades. Dei início a oficina lembrando os objetivos de minha pesquisa. Falamos brevemente sobre o teatro na escola explicando que o objetivo dele não é formar atores profissionais, mas sim proporcionar experiências artísticas contribuindo na formação cultural dos sujeitos. Para começar a falar de teatro lembramos a importância das expressões nas interpretações de sentimentos dos personagens, e mostrei a imagem dos Minions do filme 'Meu malvado favorito'. (Figura 5).

Figura 5 - Minions, do filme "Meu Malvado Favorito" (2010) de Chris Renaud.



Fonte: Disponível em: <[http: www.adorocinema.com](http://www.adorocinema.com)>.

Perguntei ao grupo o que viam na imagem. Após relatos que envolveram as expressões dos personagens, conversamos sobre a importância delas em uma peça teatral, em um filme, em uma pintura ou mesmo na música. Os personagens expressam sentimentos, conseguimos sentir essas emoções ao vermos imagens de alguém que chora, ri, está com frio ou com raiva. As crianças ressaltaram que essas sensações podem ser representadas no teatro apenas com a linguagem corporal, sem o uso da linguagem verbal.

A comunicação corporal ou cênica considera-se muito além do uso consciente de palavras. Por exemplo, para dizermos uma coisa qualquer que não nos agrada basta, algumas vezes fazermos uma 'cara feia'. As pessoas na qual nos relacionamos vão entender o que sentimos e qual nossa opinião sobre o assunto, isso sem que seja necessário pronunciarmos uma única palavra (JAPIASSU, 2007, p. 93).

Perguntei quantos já haviam assistido a este filme e se observaram as expressões que eles fazem durante o filme. Alguns dos participantes imitaram de forma instantânea gestos que reproduziram algumas cenas do filme. Já outros disseram nunca ter visto, mas já conheciam os personagens, pois existe um painel de aniversariantes no fundo da sala de aula com esse tema.

Em seguida, entreguei pequenos espelhos aos participantes e pedi que em frente ao espelho repetissem as expressões observadas na imagem, (caretas), para que as crianças pudessem se reconhecer e percebessem as diferentes maneiras de se expressar, (destacadas na Figura 5), também ressaltando a importância das expressões no teatro. Pedi para que citassem outros tipos de expressões, emoções, que lembrassem para também fazerem em frente ao espelho.

Alguns ficaram muito envergonhados dizendo que não gostavam de se olhar no espelho, Mateus comentou: "*não gosto de me olhar no espelho!*"⁵ A timidez pode interferir na realização dos objetivos da criança, ela caracteriza-se pela preocupação dos pensamentos dos outros. A timidez impede que o sujeito expresse seus pensamentos e sentimentos e interaja com outras pessoas, isso muitas vezes impede o exercício de nosso olhar crítico. Não houve nem tempo para que eu pudesse lidar com a negativa do aluno para a atividade, pois imediatamente seus colegas o interromperam com palavras de ânimo e incentivando que fizesse caretas no espelho.

Com a sequência do jogo, e o envolvimento dos colegas rindo de si mesmo, surpreendendo-se com a capacidade expressiva de inventar caretas, foram se soltando e percebendo que fazem todas aquelas expressões durante seu dia a dia e não sentem vergonha, uma vez que estão inseridas em seu cotidiano. O jogo teatral nesse momento integrava o grupo e já podia perceber como os alunos se manifestavam e interagiam uns com os outros à medida que novas regras eram colocadas.

⁵ Opto por destacar a fala dos participantes da pesquisa em itálico e entre aspas objetivando evidenciar a autoria das crianças e professora envolvida.

Submeter-se a uma experiência concreta de teatro implica disponibilizar-se para vivenciar os processos oferecidos pelas etapas do aprendizado teatral. São eles: a descoberta do próprio corpo capaz de produzir movimentos e sons; a descoberta e o experimento de seu potencial criativo; a atuação como vivência de pensamentos, emoções e ações do outro (FERREIRA, 2012, p. 74).

Fomos citando vários tipos de expressões e eles iam reproduzindo no espelho. A professora Luiza me auxiliou nos registros, enquanto ela filmava ia também citando exemplos de expressões para os alunos. José Fernando não queria parar de se olhar e repetia: “*Eu sou lindo!*” A autoconfiança é necessária em tudo em que fazemos, nos torna autênticos e faz com que percamos o medo de expressar nossos pensamentos, nada nos motivará melhor que a nossa própria convicção de que podemos ser ou fazer algo.

Falei da importância de nos conhecermos e que esse jogo teatral permitia a qualificação de nossos gestos, a partir da repetição observada.

Pedi para que todos levantassem para fazermos outra atividade, o ‘jogo espelhado’ (Figura 6). Todos levantaram rapidamente e animados, pedi para que formassem duplas um de frente para o outro. Organizei as duplas para que formassem duas filas uma de frente para outra e expliquei que um seria o espelho do outro. Um fazia gestos enquanto o outro seria responsável pela imitação desses, como se fosse um grande espelho, se divertiram muito. Lembrei a eles que também era importante que imitassem as expressões lembrando o jogo anterior. Depois pedi que trocassem de duplas algumas vezes.

Figura 6 - Jogo: Caretas no espelho.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Figura 7 - Jogo: Espelhado.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Após este jogo fizemos um círculo e sentamos no chão (figura 8). Perguntei se sentiram diferença entre fazer o jogo com os colegas que mais tinham afinidades e fazer com os colegas que tinham menos afinidades. Todos responderam que havia sido mais fácil fazer o jogo com a dupla que tinham mais afinidade, Ingrid ressaltou: *“Quando minha dupla foi o José fiquei com muita vergonha, é muito mais difícil com quem eu não converso muito, mas que no final da brincadeira eu consegui fazer”*.

Aprende-se com o outro na diferença, na relação com o outro e não somente consigo mesmo. Viola propõe jogos individuais, em duplas, trios e grupos, em que os jogadores fazem e também apreciam e comentam o trabalho dos colegas, desenvolvido o olhar, o potencial analítico e a capacidade de criticar e ser criticado de modo produtivo, aberto e franco (FERREIRA, 2012 p. 25).

Assim neste espaço nessa conversa aprendem uns com os outros, com a liberdade de falarem o que pensam de uma forma construtiva e significativa.

Figura 8 - Roda de conversa.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Fizemos um intervalo para o recreio (intervalo) da turma, pensei que o fato de pararmos os jogos por 20 min para o intervalo poderia ocasionar em uma quebra no ritmo do grupo para o desenvolvimento da coleta de dados, mas isso não interferiu, e quando ainda faltavam alguns minutos para encerrar o intervalo as crianças já estavam na porta me esperando, ansiosos para voltarem para oficina.

Iniciei o segundo momento entregando tiras de papéis (Figura 9) para que cada um escrevesse uma frase pequena como se fossem ler para um amigo. Combinamos um tempo de cinco minutos para que escrevessem. Expliquei que caminharíamos falando as frases, todos ao mesmo tempo, leram de vários modos, alto, baixo, sorrindo e fazendo de conta que estão chorando, correndo, caminhando devagar. Foi uma confusão, uma bagunça, uma gritaria. Todos entusiasmados! Uma bagunça que de certa forma, estava em contraponto com uma organização pois ela tinha um objetivo e tempo determinado. Depois pedi para que alguns lessem individualmente para o colega a frase que havia escrito para ele, liam e se abraçavam. O objetivo desse jogo, é que percebessem o quanto é incomodo e impossível ouvir se falarmos todos ao mesmo tempo.

Figura 9 - Jogo: Frases para um amigo.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Perguntei se perceberam diferença entre falar ao mesmo tempo e individualmente. Mateus disse: “*Só dava para ouvir uma berraçada*”, Vitória respondeu: “*Mesmo quando lemos baixinho não deu para entender*”. Mateus falou: “*Consegui entender apenas algumas palavras*”. Falamos da importância de saber ouvir o outro. As crianças perceberam o quanto é incomodo todos falarem ao mesmo tempo, ainda que, de formas diferentes, é difícil compreender, porém no teatro esse tipo de exercício objetiva a organização das falas e o diálogo com o grupo.

Para trabalharmos a relação com o grupo fizemos o jogo da escultura humana (Figura 10). Pedi para que se posicionassem um de cada vez (como se fossem fazer uma pose para foto) e congelassem, um após o outro, interferindo na pose do colega sem poder se mexer até a chegada do último. Contei a eles que assim que todos estivessem posicionados faria o registro por meio da fotografia e que mostraria no nosso terceiro encontro.

Na primeira tentativa não deu certo, eles ficavam se mexendo o tempo todo e um ficava empurrando o outro. Repetimos esta ação algumas vezes até que entendessem. Depois realizamos em velocidades diferentes e eu fui registrando.

Figura 10 - Jogo: Escultura Humana.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Refletimos sobre o espaço de palco, a importância do movimento do corpo, intervenção/interação um com o outro, a ampliação da expressão para todo o corpo e não somente para a face, como nos exercícios anteriores. Alguns comentaram que no início foi difícil entender o espaço do outro e aceitar que ficassem se encostando. Falaram também que não foi fácil ter paciência com quem ficava empurrando.

Neste viés, Ferreira (2012, p. 36) destaca que “[...] o teatro é uma atividade grupal em que cada um deve participar ativamente, mas também aceitar e receber as propostas do outro generosamente.”

Durante o jogo percebi que havia um colega que ninguém queria ficar perto e somente depois de muitas tentativas, mudanças nos encaminhamentos e conversas eles o integraram. E era realmente esse o objetivo deste jogo, nos aproximarmos dos colegas e aprendermos a lidar com as diferenças.

Encerrando o encontro agradei a participação de todos, o auxílio da professora que me ajudou nos registros e na organização do auditório e combinamos o encontro da próxima semana, pedi que não esquecessem das

autorizações e dei ênfase novamente à importância da participação de cada um em minha pesquisa.

5.2 SEGUNDO ENCONTRO – AS IMAGENS CONTAM HISTÓRIAS

No segundo encontro que aconteceu no dia 17 de setembro, no mesmo horário do encontro anterior, procurei usar mais as falas dos alunos. Iniciei fazendo o jogo da bola: Em círculo, jogamos uma bola a um colega (figura 11) dizendo o seu nome, do que gosta, do que não gosta. Por exemplo: Meu nome é João, gosto de sorvete, não gosto de fazer teimas. A criança que receber a bola repetiria o exercício, que prosseguiu até que todos se apresentassem.

Na primeira rodada para falar do que gosta, quase não ouvi a voz de alguns dos participantes e percebi que esses mesmos repetiam o que o colega ao lado falava. Mas conforme a brincadeira ia acontecendo eles foram se soltando e surgiram falas bem diferentes em relação ao que não gostavam.

Figura 11 - Jogo da bola.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Em seguida pedi para que sentassem em frente ao telão e apresentei a imagem da obra de Brueghel (Figura 2) e pedi para que a analisassem. Mostrei a imagem dizendo que ainda não falaria quem era o artista nem o nome da obra. E a primeira pergunta que fizeram era se o artista era Romero Brito, respondi que não e que falaria o nome dele depois.

Essa percepção me fez acreditar ainda mais que normalmente são lhes apresentados sempre os mesmos artistas, pois contei eles não conheciam outra opção para citar, em toda imagem que eu apresentava, era sempre a mesma resposta: Romero Brito! A professora comentou que uma outra professora havia

pedido a ela que trabalhasse este artista pois havia uma imagem da obra dele em um livro que ela utilizava.

“É possível, igualmente proceder ‘traduções’ entre linguagens díspares, quando se faz um filme a partir de uma obra literária, ou mesmo quando se cria uma obra a partir de outra.” (OLIVEIRA, 2008, p. 82). Não era o caso de uma releitura, de uma tradução, mas sim de criar uma obra a partir de outra. Agora era momento de apreciar e comentar o que viam na imagem da obra de Brueghel (Figura 2).

Pamela respondeu: *“Eles estão brincando, eles estão se divertindo, estão brincando de bambolê.”* Nicole complementou: *“Eles estão dançando.”*

Fiz mais algumas perguntas como: Quem são essas crianças que estão ali brincando? Surpreendi-me com a resposta quando responderam que não eram crianças na imagem, mas sim adultos.

José Fernando disse: *“É adulto e minha mãe brincava muito disso!”*.

Foi uma resposta que eu não esperava. Perguntei se achavam que o artista representou crianças de hoje ou de antigamente.

José Fernando respondeu: *“De antigamente, porque não vi nenhum notebook.”*

Pamela: *“Porque antigamente não tinha boneca, não tinha celular, não tinha nada para brincar.”* Nicole: *“Era muito chato.”* Pamela interrompeu dizendo: *“Acho que não era chato porque conseguiam se divertir com poucas coisas.”* Mateus reafirma: *“É de antigamente, porque eles estão brincando na rua e as casas e as estradas eram diferentes.”* Percebi que pensavam que aquela imagem fosse antiga por não conter brincadeiras tecnológicas nela, nenhum comentou sobre as roupas antigas. A professora Luiza comentou que antigamente ela brincava de correr na rua em volta da quadra.

Perguntei se hoje em dia podemos brincar assim.

Pâmela respondeu rapidamente: *“Tem pessoas que não podem nem sair de casa, os carros podem atropelar ou sequestrar a gente.”* José Fernando: *“Tem gente que rouba ‘sora’, porque o meu amigo tava andando de long e assaltaram ele e a gente foi achar o long dele aqui na escola.”*

Foi interessante perceber o quanto a criança relaciona seu cotidiano e tem vontade de expressá-lo.

Perguntei onde achavam que aquelas pessoas estavam brincando, a resposta foi geral: *“Em uma praça.”* Perguntei ainda do que elas estavam brincando.

Foram respondendo tudo que iam vendo na imagem, bambolê, esconde-esconde, passarás, entre outras.

Fiz então uma última reflexão: se fosse no seu bairro, nos dias de hoje, do que as crianças estariam brincando? Se hoje aquele artista fosse pintar uma tela representando os alunos do 4º ano A, como seria, com quais brincadeiras? As respostas foram patinete, vários nomes de jogos de celular e computador, roller, skate, capoeira, bola, esconde-esconde.

Pedi para os participantes representarem como seria essa cena se fossem nos dias de hoje, para que eu pudesse registrar por meio de fotografias.

A imagem que vimos se tornou um movimento enquanto montávamos as cenas, e rapidamente se transformavam em imagens novamente por meio dos registros que fazíamos. Essa dinâmica possibilitou que o aluno não conheça apenas uma linguagem e ainda estabeleça relação entre elas. Oliveira (2008, p. 80) fala da existência de dois problemas que precisamos romper no ensino de arte:

[...] o primeiro mais forte que o segundo: ou o aluno conhece apenas uma linguagem artística, geralmente a visual; ou conhece distintas linguagens sem estabelecer relações entre elas, de modo que o conhecimento de uma não contribui para o conhecimento das demais.

Em grupo todos representaram as brincadeiras que haviam citado (Figura12).

Figura 12 - Representando brincadeiras.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Após as brincadeiras, falei brevemente sobre o artista Pieter Brueghel, e também sobre a obra. Contei a eles sobre o título da obra que havíamos visto, que o título que é 'Brincadeiras de crianças'. Falei o ano da obra, que realmente tinham acertado quando disseram que a obra era antiga.

Fizemos um intervalo, pois era a hora do recreio, antes que saíssem lembrei a eles que mostraria as fotos no nosso próximo encontro, onde conversaríamos mais sobre nossas brincadeiras e jogos.

Iniciei o segundo momento mostrando mais duas imagens (Figuras 4 e 13)

Figura 13 - Lasar Segall - Interior de pobres II (1920).



Fonte: Disponível em: <<http://www.aender.com.br/?p=2034>>.

Mostrei as duas imagens sem título e pedi para que observassem e comentassem sobre as imagens. Primeiramente em relação a Figura 13 surgiu comentários coletivos como: *“Morte! Pois uma pessoa morta deitada atrás, escravidão, tristeza familiar, são parentes, tem um chefe brabo e seus empregados, uma vó deitada no sofá morrendo.”*

Após todos terem falado sobre a imagem comentei brevemente sobre as imagens, artista, época, título. Perceberam que a Nicole tinha acertado quando disse que era tristeza familiar, concluíram que era uma família triste porque era pobre.

Mostrei a eles a Figura 3 também sem o título e artista, pedi para que observassem a obra e falassem sobre ela. Todos falaram juntos: “*É uma bailarina!*” Nicole comentou: “*É uma bailarina um pouquinho acima do peso.*”

Em seguida propus que em dois grupos fizessem uma apresentação artística representando o que viram na imagem utilizando a linguagem teatral e pensando em tudo que aprendemos no encontro anterior. Os grupos deveriam escolher formas de representação para utilização das imagens. Cada grupo ficou com uma imagem.

Podemos dizer que o faz-de-conta infantil é um aspecto cotidiano da comunicação cênica, em razão de essa brincadeira ocorrer muito frequentemente. Basta observarmos ao redor, com atenção, crianças brincando. O faz de conta infantil é uma modalidade lúdica do agir como se fossemos outra pessoa. Lúdica, porque desenvolvida para a obtenção desinteressada do prazer, ou seja, em qualquer objetivo “funcional” de natureza pragmática (JAPIASSU, 2007 p. 99).

Combinamos um tempo de oito minutos para que se preparassem, e então começaram as apresentações (Figura 14). O primeiro grupo representou a imagem 13.

Figura 14 - Apresentação grupo 1.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

O grupo representou uma família onde a mãe estava doente, não podia levantar da cama, suas filhas, não queriam trabalhar e por isso a família estava triste passando fome.

O segundo grupo (Figura 15) representou a imagem 3.

Figura 15 - Apresentação grupo 2.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

O segundo grupo apresentou a história de um concurso de dança em que venceu a bailarina que estava acima do peso. Após as apresentações refletimos sobre a representação que haviam realizado. Cada grupo falou um pouco sobre a sua encenação.

O primeiro grupo disse que quis representar uma família que passa dificuldade, tanto financeiras, quanto de relacionamento, e que todos precisam ajudar para as coisas poderem melhorar. O segundo grupo disse que o que importou naquele concurso foi o que a aquela bailarina era e não a aparência dela. Isso então gerou uma discussão sobre preconceito. Alguns falaram que sofriam preconceito na escola, outros disseram que sofriam em casa. Falei um pouco sobre o assunto e deixei que todos falassem sobre como se sentiam em relação a isto.

[...] torna-se possível pensar que os jogos teatrais possam ser utilizados na educação com objetivos que extrapolem as questões pedagógicas, e possam atingir instâncias terapêuticas num sentido que favoreça a aprendizagem, ou até mesmo possam atuar sobre questões subjetivas que se mostrem relacionadas a alguns sintomas de fracasso escolar, diagnosticados nos estabelecimentos educacionais. Tais problemas, muitas vezes, localizam-se em questões emocionais das crianças e nem sempre são percebidos dessa forma (SANTIAGO, 2009, p. 75).

As representações muitas vezes evidenciam o que as crianças imaginam, sonham ou mesmo vivenciam cotidianamente, e essa é uma questão possível de discussão no teatro, pois trabalha com as relações interpessoais, que surgem no processo de autoconhecimento proporcionado pelos jogos teatrais.

Após a discussão sobre as representações perguntei a eles se é possível por meio de uma imagem criar e representar uma história. Responderam que sim, que olharam para a imagem e conseguiram imaginar uma história, da mesma forma de como se vê uma ilustração em um livro. Que a imagem tem movimento,

expressamos emoções ao olhar uma imagem. Essas falas contribuem na reflexão de meu problema de pesquisa.

Questionei também sobre a leitura da imagem, se pensam que a história que acabaram de apresentar tem relação com o que acreditam que o artista quis representar por meio daquela obra. Responderam que sim, acreditam que o artista quis representar naquelas obras o mesmo que eles representaram no teatro.

5.3 TERCEIRO MOMENTO – O REAL É O PANO DE FUNDO

O terceiro momento aconteceu no dia 26 de outubro das 10h20min às 11h. Foi um momento muito especial, que acredito que ficará nas lembranças de cada criança assim como ficará na minha. Nesta oficina os encaminhamentos foram diferentes das etapas anteriores. A partir de uma conversa sobre as ações realizadas nos encontros anteriores realizei a devolutiva da pesquisa fechando as etapas previstas para o campo.

Para relembrarmos nossas ações propus uma reflexão por meio da apresentação de um vídeo e também de fotografias com alguns momentos de nossos dois encontros estabelecendo reflexões sobre o problema de pesquisa. Houve um imprevisto e não pude usar o data show, por isso dividi a turma em dois grupos para que pudessem assistir ao vídeo (5min) no computador. Todos ficaram entusiasmados relembrando cada atividade. Vibraram e agradeceram ao final do vídeo.

A professora Luiza pediu silêncio e os organizou para que eu pudesse falar. Esse momento demonstrou os vínculos construídos, além de evidenciar como a proposta foi significativa ao grupo que lembrava com detalhes as experiências vividas. Essas experiências corroboram para a elucidação do meu problema de pesquisa uma vez que foi possível identificar a qualificação das relações entre o grupo, a expressão corporal, a autonomia e criticidade do grupo, além de aproximar as relações entre as linguagens.

Figura 16 - Apresentação do vídeo.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2014).

Coloco-me então no contexto da experiência, juntamente com alunos afinal todos nos envolvemos nesta pesquisa. Seguimos a conversa falando sobre teatro, nesse enredo perguntei se alguém gostaria de falar o que é teatro. Nicole rapidamente respondeu: *“Eu acho que o teatro é um modo de se expressar que tu fazes um papel de outra pessoa.”* Mateus completou: *“Tu se inspiras em outra pessoa.”* A maioria dos participantes acrescentou o termo expressão e sobre imaginar algo para depois representar.

Percebendo que a palavra imaginação se fazia muito presente em nossa conversa pedi para que falassem sobre já que *“a imaginação nasce do interesse, do entusiasmo, da nossa capacidade de nos relacionar [...]”* (PILLOTTO, 2007, p. 49).

Nicole falou o que pensa sobre imaginação: *“É pensar em uma coisa que não existe. Tipo um conto de fadas, eu sei que não existe, mas eu me imagino nele.”*

Brincar, jogar, brinquedo. Essas palavra têm um sentido bem conhecido de todos nós, especialmente quando criança. Elas representam a possibilidade de imaginarmos ser quem não somos, de estarmos em lugares e planetas diferentes, o prazer de satisfazer o desejo mesmo que de forma ilusória, de viver o suspense do inesperado, de viver a loucura sem ser louco, de divertir-se (ALVES, 2011, p. 16).

José Fernando também quis falar: *“Imaginação é imaginar um monte de coisas boas”*. Perguntei: então imaginar é bom? Mateus respondeu: *“Eu fico imaginando as coisas que eu queria fazer, mas não posso.”* Ingrid: *“Eu sonho em ter uma bicicleta então eu fico só imaginando eu andando de bicicleta.”*

Cada um quis contar as coisas que gostam de imaginar, Nicole se imagina cantando, Taís imagina um mundo de chocolate, José Fernando tocando na

abertura de um show dos Guns N' Roses. Eu pude perceber a expressão de felicidade de cada um enquanto contavam sobre suas imaginações. Percebo que a presença da imaginação no processo de aprendizagem é constante nas relações no ato de criar, recriar e expressar a realidade.

Continuei o diálogo sobre o teatro, perguntando às crianças se compreendem o teatro enquanto arte? Todos rapidamente responderam sim! Mas somente o *'sim'* não era suficiente para saber se realmente reconhecem o teatro como uma linguagem da arte. Partindo disto perguntei por quê? Teatro é arte mesmo?

Ingrid: *"É arte porque ali podemos nos expressar, podemos ser o que quisermos."* Nicole: *"Eu acho que é porque tu te desenvolves através daquela pessoa."* Perguntei, que pessoa? Ela respondeu: *"A pessoa que está nos ensinando, faz a gente mudar e daí eu posso ser uma fada no teatro que não posso ser na vida real."*

Percebi que ela estava falando das transformações que acontecem por meio dos jogos teatrais. Para me certificar disto continuei nossa conversa questionando: Então vocês acham que depois dos jogos que fizemos alguma coisa mudou?

Nicole: *"Quando eu fiz aquele jogo que um ficava na frente do outro, eu fiquei com Ingrid, então eu fiquei um pouco tímida, não era acostumada a falar com ela, conforme a gente foi brincando eu fui chegando perto dela e agora não tenho mais vergonha dela"*.

Mateus completou dizendo: *"Do mesmo jeito que eu fui conhecendo a 'sora' e fui gostando, daí nunca mais faltei na quarta-feira."* Concordo com Pillotto (2007, p. 47) quando nos coloca que "a imaginação pode ser um elo para a construção dessa relação entre o professor e aluno, entre aluno e aluno, pois provoca motivações de ânimo em nível perceptual, racional, afetivo/emocional."

Tais continuou falando sobre o jogo espelhado: *"Eu tinha vergonha da Maria Eduarda, mas depois daquele dia ficamos amigas e esses dias eu fui até na casa dela."* Senti-me satisfeita com as falas percebendo que havia mudanças neles, que o teatro havia os aproximado tão rapidamente.

O jogo é uma forma de disfarce que envolve alguma proposta de mudança de identidade, disfarçar-se é uma das grandes paixões humana que

valoriza o convívio social, é uma atitude que regula ou desregula a relação com o outro (ALVES, 2011).

Ingrid acrescentou: *“Gostei daquela brincadeira do espelho porque vemos como se faz um sorriso, uma careta, uma fala, qualquer coisa, a gente se olha no espelho a gente tá se vendo, nós mesmo, a gente tá se conhecendo.”*

Perguntei, mas não ficaram com vergonha: Ingrid continuou: *“No começo sim, mas depois fui me acostumando, daí ficou legal”*. José Fernando: *“Eu, eu vi no espelho que eu sou muito bonito!”* Todos riram, mas ele nem se importou.

Taís pediu para falar sobre *“aquele jogo que era para a gente se encostar”*, o nome do jogo era Escultura Humana. “Essas etapas são trabalhadas mediante jogos que estimulem o contato com o próprio corpo, favorecendo uma consciência do próprio espaço e do espaço do outro, experimentando e exercitando o equilíbrio, a concentração e o ritmo.” (SANTIAGO, 2009, p. 75).

Pâmela ainda disse: *“Deu tudo errado para dar tudo certo, deu vergonha demais de ficar encostadinho com todo mundo, porque todo mundo ficava em cima de mim, depois todo mundo foi entendendo se acostumando e daí se organizou, foi muito legal.”* Ingrid: *“A gente fica mais amigo daquela pessoa que a gente não é tanto.”*

Tais: *“Então vou falar daquela obra das brincadeiras, a minha imaginação me levou para um outro tempo que acho que deveria ser bem mais divertido.”* Tais evidencia que é possível estabelecer relações entre o teatro e as artes visuais na perspectiva da formação estética e crítica de crianças. Pâmela disse: *“Quando vemos uma imagem, imaginamos coisas, e então podemos representa-las no teatro.”* Tais completou a fala relacionando com seu cotidiano: *“É como minha irmãzinha, ela pega meu livros e lê, na verdade ela faz de conta né, porque ela ainda nem sabe lê.”* Nicole complementou: *“Sim, ela conta porque vê as imagens, os desenhos do livro, eu também fazia isso, as imagens contam histórias.”*

Foi um momento de ‘troca mútua’ de experiências, entre pesquisadora e crianças.

Ao estruturar nossos processos de troca, na linguagem ganha força a forma de expressão do homem, expressão agora compreendida não só como fala, mas como leque, gama formada por meio da arte, como representação, e da escrita como registro; da produção material, como legado, ou pela união de todos os signos e formatações, como simbiose de dualidade do indivíduo coletivo (BOHN, 2014, p. 167).

E por meio da fala '*as imagens contam histórias*' da Nicole permitiu-me sentir presente a relação entre artes visuais e o teatro (re)significando sua relação com o seu eu, compreendendo as relações entre a arte e a vida.

Nesse viés destaco abaixo uma proposição de um curso de formação contrinuada em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Artes Visuais objetivando contribuir com a transformação dessa e de outras realidades.

5.4 PROPOSTA DE CURSO

5.4.1 Tema

Linguagem Teatral.

5.4.2 Público-alvo

Professores de arte da rede municipal de Araranguá/SC.

5.4.3 Justificativa

Após todo o caminho percorrido durante a pesquisa, percebo o professor como co-responsável pela formação de sujeitos críticos, por isso enfatizo as relações entre a linguagem teatral e as artes visuais como possibilidade de formação estética e crítica do sujeito. Compreendo a arte como subversiva, política, reflexiva, logo, capaz de criar e recriar reflexões. Pensando nas necessidades reveladas nessa pesquisa, proponho um projeto de curso que busca contribuir de maneira significativa na qualificação da realidade encontrada no contexto e no campo da pesquisa.

É fundamental contemplar reflexões acerca das linguagens da arte que nem sempre estão presentes nas aulas de arte. A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p.187), destaca que:

Os conteúdos a serem abordados deverão contemplar uma postura interdisciplinar e devem corresponder às linguagens visual, cênica e musical. Isto significa dizer que o professor de arte terá como ponto de partida, no seu planejamento, a linguagem específica de sua formação.

Entretanto, as outras linguagens enriquecem as possibilidades de criação e produção.

Nesse viés, o foco deste projeto é oportunizar aos professores vivências e experiências artísticas envolvendo as relações entre linguagem teatral e as artes visuais objetivando refletir na qualificação das práticas que envolvem essas linguagens nas escolas e também fora delas. Este projeto não pretende transformar professores em atores, mas proporcionar experiências que possam enriquecer suas aulas de arte, situações onde os mesmos interajam, e assim, lhes oferecer possibilidades de leitura das manifestações artísticas na contemporaneidade.

5.4.4 Ementário do curso

A importância do Teatro na Educação; Relações entre linguagens artísticas; Hibridização da arte contemporânea. Jogos teatrais, tempo e espaço. O corpo no teatro e nas artes visuais.

5.4.5 Carga horária

10 horas/aula

5.4.6 Objetivos

5.4.6.1 Objetivo geral

Proporcionar aos professores vivências e experimentações de conhecimentos artísticos que são envolvidos pela linguagem teatral e das artes visuais focando a construção do conhecimento crítico e sensível do sujeito.

5.4.6.2 Objetivos Específicos

- ✓ Discutir a importância do Teatro na educação;

- ✓ Reconhecer o teatro enquanto linguagem artística;
- ✓ Identificar as possíveis relações entre linguagens;
- ✓ Experimentar jogos teatrais com ênfase nas relações entre linguagens.

5.4.7 Metodologia

Primeiro encontro (2h): Conversa sobre a importância do Teatro na Educação. Posteriormente um diálogo e reflexões sobre as linguagens artísticas com o foco no teatro e nas artes visuais.

Segundo encontro (4h): Será realizado neste encontro uma fala mais específica e mais direcionada a linguagem teatral, contemplando um diálogo sobre jogos teatrais e as diferentes possibilidades de propor a linguagem teatral relacionado as artes visuais nas aulas de artes exemplificando por meio de apresentação de vídeos que trabalham com jogos teatrais contextualizando a importância do teatro na construção de um sujeito crítico e sensível.

Terceiro encontro (4h): Proponho uma vivência conciliando teoria e prática, por meio de jogos teatrais com os professores onde terão o momento para a criação e diálogo sobre as contribuições de todo o processo de ensino aprendizagem. As experiências serão a partir dos jogos: 'Alongamento corporal e facial'; 'Expressão facial'; 'História Improvisada'; 'Faça tudo que o mestre mandar'; 'Mímica'; 'Cabo de guerra sem corda'; 'Apenas um, apenas dois'; 'Variações do mesmo tema'.

5.4.8 Referências

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares.** Florianópolis: COGEN, 1998.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: É HORA DE FECHAR AS CORTINAS

É possível perceber que ao final de minha pesquisa, por meio de reflexões contemplados no referencial teórico e concretizados nos momentos das oficinas e nas trocas de experiências nos espaços de narrativas, que as crianças permitiram-se com total liberdade expressar-se mediante a linguagem teatral e que os objetivos destacados na introdução do trabalho foram alcançados.

Esses objetivos foram materializados, em especial, na pesquisa de campo, a partir das experiências vividas nos espaços de narrativas onde as crianças envolveram-se de forma integral em cada atividade proposta evidenciando pelos gestos e falas as relações entre linguagens e as contribuições da arte na formação de um sujeito crítico e autônomo.

É notória a importância de contemplar os jogos teatrais no ensino da linguagem teatral, e principalmente ultrapassar as barreiras dos estereótipos associados ao teatro no espaço escolar. A aprendizagem para os alunos é significativa no momento em que relacionam os conhecimentos vistos em sala com o cotidiano.

Reflico sobre as possibilidades de relações entre linguagens, principalmente a linguagem visual e teatral partindo do pressuposto de minha formação como licenciada em artes visuais. Evidencio os Jogos teatrais, pois pude perceber que ao iniciar minha pesquisa, em breve diálogo com os alunos é constante a concepção de o teatro como algo que já é pronto e vinculado ao texto com falas decoradas.

A proposição dos jogos relacionados a imagens possibilitaram que as crianças pudessem estabelecer relações entre as linguagens, neste caso a apreciação e a leitura das imagens possibilitaram que imaginassem uma história para a partir dela criarem um roteiro para uma posterior apresentação teatral estabelecendo um diálogo entre as artes visuais e teatro.

Percebo que para as crianças envolvidas na pesquisa, linguagem artística é tudo aquilo que possibilita a expressar-se, se podemos nos expressar, é uma linguagem da arte, mas não sabem claramente quais são elas (dança, teatro, música e artes visuais).

As crianças não conheciam os jogos teatrais pois não era a forma que sua professora trabalhava a linguagem teatral nas aulas de artes. O teatro segundo a

professora envolvida na pesquisa era trabalhado através de manifestação espontânea dos alunos. Ela percebeu juntamente com os alunos a importância dos jogos e a presença do lúdico para trabalhar a linguagem teatral nas aulas de artes.

Pensando nisso propus um projeto de curso que objetiva proporcionar aos professores vivências e experimentações de conhecimentos artísticos que são envolvidos pela linguagem teatral e as artes visuais focando a construção do conhecimento crítico e sensível do sujeito.

Considero que o fator mais importante para a pesquisa no alcance de resultados foi a presença do lúdico. Brincando a criança aprende e imaginando ela tem vontade de chegar a novos lugares. Em todo o processo de ensino aprendizagem percebo que a criança aprendeu brincando, imaginando e jogando.

Esses alunos não tinham experiência alguma na relação entre jogos teatrais e artes visuais, porém quando se colocaram na condição de criadores, o encantamento tomou conta e enquanto criavam sua produção artística brincavam e viajavam sorridentes pela imaginação, relacionando as experiências com o meio em que vivem.

A linguagem teatral permite o inusitado, nos faz refletir, permite um novo olhar para o mundo, tornando-nos capazes de descobrir o que necessitamos em nossa sociedade, porém nós enquanto professores, precisamos pensar de que forma podemos contribuir para um ensino que proporcione a construção de sujeitos pensantes, reflexivos e críticos, capacitados para relacionar-se com o eu e o outro.

Acima de tudo, o que levarei dessa pesquisa, são os olhares perdidos no mundo da imaginação, os sorrisos, momentos bons, que me fizeram ter ainda mais certeza de que escolhi o caminho certo para meu futuro profissional.

Sigo agora, com alguns questionamentos já esclarecidos, mas nunca deixarei de questionar, experimentar, buscar o novo, pois foi isso que aprendi como alguns(a) mestres(a) que tive no curso ao longo desses quatro anos de faculdade. Que me fizeram aprender a nunca se contentar e sempre buscar novas possibilidades, problematizar, pesquisar, ser inventivo.

E é isso que quero ensinar aos meus alunos, ajuda-los a sair de trás da cortina, mostrar a eles sempre novos caminhos e possibilidades dentro das múltiplas linguagens da arte. Ensinar da mesma forma que fui ensinada, a não somente ver, mas sim olhar, a não somente ouvir, mas sim escutar!

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernando Donizete. **Jogo e a Educação da Infância**: muito prazer em aprender. 1 ed. Curitiba - PR: CRV, 2011.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 7 São Paulo: Argos, 2005. p. 75-97.

BONH, Letícia Ribas Diefenthaeler. Arte/cultura: pertencimento e construção de isentidades. In: e PILLOTTO Silvia Sell Duarte e BONH, Letícia Ribas Diefenthaeler (orgs). **Arte/Educação: Ensinar e aprender no ensino básico**. 1 ed. Joinville-SC: Univille, 2014, p. 165 a 178.

BRASIL. **Lei n. 9.394**. De 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: D.O.U, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 22 out. 2014

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. Dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**/Secretaria de Educação Fundamental. 2º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Curso de Artes Visuais. **Normas**: Trabalho de conclusão de curso. Criciúma, 2010.

EGAN, Kieram. Porque a imaginação é importante na educação. In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir. **Infância**: imaginação e educação em debate. Campinas, SP: Papyrus, 2007, p. 11 a 38.

FERREIRA, Tais. **Teatro e dança nos anos iniciais**. 1 ed. Porto Alegre-RS: Mediação, 2012.

FONTANA, R.; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

HONORATO, Aurélio Regina de Souza. A Formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon e MOREIRA, Janine (orgs.). **Educação e Arte**: As linguagens artísticas na formação humana. 2 ed. Campinas - SP: Papyrus, 2011, p. 109 a 118.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. 2. ed Campinas, SP: Papyrus, 2001.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: Processos de Apropriação/Fruição e de Produção/Criação. In: FRITZEN, Celdon e MOREIRA,

Janine (orgs.). **Educação e arte:** as linguagens artísticas na formação humana. 2 ed. Campinas - SP: Papyrus, 2011, p. 27 a 36.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala:** a escuta de crianças em pesquisa. São Paulo-SP: Cortez, 2008, p. 119 a 139.

LOPES, Joana. **Pega teatro.** Campinas-SP: Papyrus, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico:** pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 1996.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho. Relações entre Linguagens. In: OLIVEIRA, Sandra Ramalho; MAKOWIECK, Sandra (Orgs). **Ensaio em torno da arte.** Chapecó - SC: Argos, 2008.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística.** 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PILOTTO, Silvia Sell Duarte. **Linguagens da arte na infância.** Joinville - SC: UNIVILLE, 2007.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. **Manual prático de metodologia da pesquisa:** artigo, resenha, projeto, tcc, monografia, dissertação e tese. Blumenau, SC: Acadêmica Publicações, 2003.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina - Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio:** Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTIAGO, Ana Lydia B; NEVES, Libéria Rodrigues. **O uso dos jogos teatrais na educação:** possibilidades diante do fracasso escolar. 2 ed. Campinas - SP: Papyrus, 2009.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e linguagem:** Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 5 ed. Campinas - SP: Papyrus, 1994.

APÊNDICE (S)

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OFICINA (COLETA DE DADOS EM ESPAÇO DE NARRATIVA)

IDENTIFICAÇÃO

Acadêmica Pesquisadora: Caroline Balhejo Saneripp

Professor Orientador: Prof. Marcelo Feldhaus

Data de realização: 10/09, 17/09 e 26/10

Local de realização: E.B. M. Nova Divinéia

Carga horária: Dois encontros de 90min cada e um encontro com duração de 35min.

Problema de pesquisa: Que relações são possíveis estabelecer em experiências artísticas que envolvam as artes visuais e o teatro na perspectiva de um sujeito crítico?

Objetivo geral: Investigar as contribuições do teatro na perspectiva do desenvolvimento crítico dos alunos da rede Municipal de Araranguá identificando as possíveis relações entre linguagens (artes visuais e teatro)

METODOLOGIA:

A oficina será desenvolvida na E. B. M. Nova Divinéia no município de Araranguá e envolverá os alunos do 4º ano, turma A. Acontecerá nas aulas de artes da professora Luiza em duas quartas-feiras consecutivas, sendo a primeira dia 10 e a segunda dia 17 de setembro de 2014, das 09h20 às 10h50min.

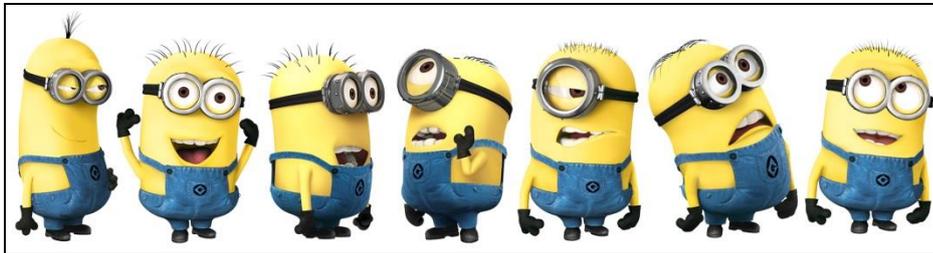
Inicialmente visitei a Escola apresentando minha pesquisa e solicitando autorização (Termo de Consentimento) da rede para utilização da escola como campo de pesquisa. Dias antes da realização do primeiro encontro irei até a sala de aula daquela turma, para comunicá-los, de uma maneira que instigue a curiosidade deles, que faremos uma oficina de teatro, explicando que esta oficina faz parte de

minha pesquisa de conclusão de curso e se propõe discutir questões relacionadas ao ensino da arte.

1º ENCONTRO (70 MIN)

Darei início a oficina falando brevemente sobre o teatro na escola explicando que o objetivo dele na escola não é formar atores profissionais, mas sim proporcionar experiências artísticas. Mostrarei a imagem:

Figura 1 - Minions, do filme 'Meu Malvado Favorito' (2010) de Chris Renaud.



Fonte: Disponível em: <<http://www.adorocinema.com>>.

Logo, falarei sobre expressões, estabelecendo relações com a imagem do filme. Os personagens expressam sentimentos, conseguimos sentir essas emoções ao vermos imagens de alguém que chora, ri, está com frio. Essas sensações podem ser representadas no teatro.

Em frente ao espelho repetiremos as expressões da imagem, (caretas), para que as crianças se reconheçam e percebam as maneiras de se expressar, também ressaltando a importância das expressões no teatro.

Em um segundo momento, faremos a dinâmica espelhada, em duplas que poderão escolher frente a frente com um colega, fazer gestos enquanto o outro os copia, como se fosse um grande espelho. Por exemplo: mexer só com os braços, fazer careta, piscar os olhos. Depois pedirei que troquem de duplas algumas vezes. Após este jogo perguntarei se sentiram diferença entre fazer a dinâmica com os colegas que mais tinham afinidades e fazer com os colegas que tem menos afinidades.

Solicitarei para que em tiras de papéis cada um escreva uma frase pequena como se fossem ler para um amigo. Depois caminharemos falando as frases todos ao mesmo tempo, de vários modos (alto, baixo, sorrindo e fazendo de

conta que estão chorando). O objetivo é que percebam o quanto é incomodo todos falarem ao mesmo tempo, ainda que, de formas diferentes, não dá para entender nada, ressaltando a importância de falar um de cada vez para que a comunicação se estabeleça, temos a hora de falar e a hora de ouvir.

Pensando em trabalhar com o corpo farei o jogo da escultura. Pedirei para que se posicionem um de cada vez (como se fossem fazer uma pose para foto) e congelem um após o outro interferindo na pose do colega sem poder se mexer até a chegada do último. Assim que todos estiverem posicionados registrarei por meio da fotografia. Repetiremos esta ação algumas vezes, em velocidades diferentes. Refletiremos sobre o espaço de palco, movimento do corpo, intervenção/interação um com o outro.

Finalizarei este encontro agradecendo a participação de todos.

2º ENCONTRO (70MIN)

Neste segundo encontro procurarei usar mais das falas dos alunos. Iniciarei fazendo o jogo da bola: Em círculo, jogar uma bola a um colega e apresentar-se a todos, dizendo o seu nome, do que gosta, do que não gosta. Por exemplo: Meu nome é João, gosto de sorvete, não gosto de fazer temas. O aluno que receber a bola repete o exercício, que prossegue até que todos tenham se apresentado.

Em seguida apresentarei a imagem da obra de Brueghel:

Figura 2 - Brueghel, Pieter - Brincadeiras de crianças (1560).



Fonte: Portal do professor

Provocarei algumas reflexões como: Quem são essas crianças? Do que elas estavam brincando? Se fossem no seu bairro, nos dias de hoje, do que as crianças estariam brincando? Pedirei para que prestem atenção nas expressões dos personagens.

Pedirei para os participantes representarem como seria essa cena se fossem nos dias de hoje, registrarei por meio de fotografias.

Mostrarei ainda mais duas imagens:

Figura 3 - Lasar Segall - Interior de pobres II (1920).



Fonte: Disponível em: <<http://www.aender.com.br/?p=2034>>.

Figura 4 - Fernando Botero - A Bailarina.



Fonte: Disponível em: <<http://www.aender.com.br/?p=2034>>.

Pedirei para que façam a leitura das imagens. Após a leitura dos participantes e os questionamentos que falei a eles falarei brevemente sobre as imagens, artista, época, título.

Em seguida irei propor que em quatro grupos façam uma apresentação artística representando o que viram na imagem utilizando a linguagem teatral e pensando em tudo que aprendemos no encontro anterior. Os grupos devem escolher formas de representação para utilização das imagens. (Dois grupos ficarão com uma imagem e dois com a outra).

Darei algum tempo para os grupos se organizarem. Após será a apresentação de cada grupo. Após as apresentações perguntarei a eles se é possível por meio de uma imagem criar uma história. Questionarei também sobre a leitura da imagem, se pensam que a história que acabaram de apresentar tem relação com o que acreditam que o artista quis representar por meio daquela obra. Finalizarei o encontro informando que voltarei para ouvi-los sobre as oficinas. (espaços de narrativas). Agradecerei a presença ressaltando o quanto é importante a participação de todos em minha pesquisa.

Todas as proposições serão registradas em vídeo e após a realização da oficina solicitarei que preencham os termos de autorização para uso de escrita e imagem.

3º ENCONTRO (35 MIN)

Pretendo preparar um espaço, e mostrar antes das falas as fotos de nossos momentos em oficinas no telão e refletir principalmente na fotografia que fizemos de escultura humana. Passarei também um vídeo, com alguns momentos da oficina.

Provocarei algumas reflexões e ouvirei os participantes, suas falas, estimulando a fala espontânea. A cada jogo realizado uma nova reflexão. Conduzirei nossa conversa interagindo com alguns questionamentos.

Refletiremos sobre a interação com os colegas, a importância de ouvir os outros, se por meio dos jogos conseguiram se soltar mais em relação a fala e expressão. Refletiremos principalmente sobre a relação entre artes visuais e o teatro.

ANEXO (S)**ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA USO DAS FALAS E IMAGENS.****AUTORIZAÇÃO PARA PAIS DE ALUNOS**

Eu, _____ portador do RG _____ (nº da identidade), pai mãe e/ou responsável autorizo a utilização das falas, escritas e imagens de meu filho (a) _____ aluno do 4º ano A, como dados para a pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de CAROLINE BALHEJO SANERIPP acadêmico(a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo Investigar as contribuições do teatro na perspectiva do desenvolvimento crítico dos alunos da rede Municipal de Araranguá identificando as possíveis relações entre linguagens (artes visuais e teatro).

Atenciosamente,

Assinatura do aluno/pai e/ou responsável

Araranguá, setembro de 2014

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO PELA DIRETORA DA ESCOLA**TERMO DE CONSENTIMENTO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ARTES VISUAIS E O TEATRO NO ESPAÇO ESCOLAR**.

O (a) sr(a): SELMA ROSANIA GIOSO MARTINS Diretora da E.B.M. NOVA DIVINÉIA foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto na turma 4º ANO A, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos *Investigar as contribuições do teatro na perspectiva do desenvolvimento crítico dos alunos da rede Municipal de Araranguá identificando as possíveis relações entre linguagens (artes visuais e teatro)*. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica CAROLINE BALHEJO SANERIPP (fone: 99354585) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor MARCELO FELDHAUS.

Criciúma (SC) 08 de SETEMBRO de 2014.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição